

Uma leitura de Milton Santos (1948-1964)

Fábio Santos da Silva*
Maria Auxiliadora da Silva**

Resumo

Este trabalho se propõe a discutir a obra de Milton Santos em sua primeira fase de produção intelectual. Os trabalhos analisados foram publicados entre 1948 e 1964, e são obras, em geral, pouco conhecidas do grande público. O objetivo central é resgatar essa produção científica, analisando seus métodos e referências conceituais, que se caracterizaram pela análise de cidades e regiões da Bahia. São estudos locais e regionais de caráter empírico, mas muitas vezes envolvendo intensa atividade de pesquisa de campo. No entanto, já nesse período, Milton Santos tinha escrito trabalhos de caráter teórico, formulando conceitos que posteriormente veio a desenvolver em obras mais recentes, num esforço para construir uma fundamentação teórica para a Geografia. Entre as obras dessa primeira fase mais importantes estão os estudos sobre Salvador (O Centro da Cidade do Salvador, 1959), sobre a região do Recôncavo (A Rede Urbana do Recôncavo, 1959) e sobre a região cacaueira da Bahia (A Zona do Cacao, 1955). Mesmo entre as obras do período estudado (1948-1964), é possível perceber as mudanças no pensamento de Santos ainda dentro da década de 1950. De uma Geografia essencialmente empírica e fortemente influenciada pelo possibilismo francês, sua obra evoluiu com a renovação dos métodos de investigação,

* Estudante do curso de graduação em Geografia - Instituto de Geociências da UFBA (fasist@hotmail.com).

** Professora doutora do Departamento e Mestrado em Geografia – Instituto de Geociências da UFBA (dorasilv@ufba.br).

porém, ainda com influência francesa de autores como Monbeig, Rochefort, George e Tricart, e passou a apresentar um sensível aperfeiçoamento conceitual.

Palavras-chave: Milton Santos; obra; primeira fase.

Abstract

The present discusses the work of Milton Santos in the first phase of his intellectual development. The works that have been analyzed have been published between 1948 and 1964 and they generally comprise works that are less known to the general public. The objective is to discuss this scientific work, analyzing the methods and conceptual references that are characterized by the analysis of cities and regions in the state of Bahia. These are local empirical studies, many a times involving intensive field research. Nevertheless, still in this period, Milton Santos had already written theoretical studies, formulating concepts that have been later developed to build a theoretical foundation for the geographical sciences. Among the works belonging to this first phase, the most important include the studies about Salvador (Downtown Salvador, 1959) about the region of the Reconcavo (The Urban Network of the Reconcavo, 1959) and about the cocoa region of Bahia (The Cocoa Zone, 1955). It is possible to note a shift in the way of thinking of Milton Santos as early as in the decade of 1950 in the works researched for the period of 1948-1964. Starting from geographical studies based essentially on empirical methods that were highly influenced by the French, his work has evolved with the renewal of the investigation methods, however still under the French influence of authors such as Monbeig, Rochefort, George and Tricart. His work evolved to show a noticeable conceptual improvement.

Key words: Milton Santos; work; first phase.

Introdução

Este artigo se propõe a discutir a obra de Milton Santos em sua primeira fase de produção intelectual. Os trabalhos analisados foram publicados entre 1948 e 1964, e são obras, em geral, pouco conhecidas do grande público. O objetivo central é o de analisar os métodos e referências conceituais das obras produzidas nessa fase e que versaram sobre temas ligados as cidades e regiões da Bahia, como, por exemplo, *O centro da Cidade do Salvador* (1959) a *Rede urbana do Recôncavo* (1959) e *A Zona do Cacau* (1955).

Os procedimentos de elaboração deste estudo se iniciaram com a revisão da bibliografia de Santos publicada no período acima referido. O exame do conjunto da obra, composta por livros, pequenas publicações e artigos de revistas e jornais, possibilitou a identificação dos métodos e referências teóricas que fundamentaram o pensamento de Santos naquele período. A consulta a uma bibliografia complementar serviu de auxílio para a contextualização e interpretação do objeto de estudo. Santos produziu uma vasta bibliografia, a maior parte em português, mas também alguns títulos em francês. No período acima referido, foram publicados 11 livros, 8 pequenas publicações, 39 artigos em periódicos e 112 no jornal *A Tarde*, jornal de maior circulação no Estado da Bahia e com grande influência nos estados do Nordeste, além de uma publicação em livro coletivo, formando um conjunto de aproximadamente 171 publicações.

A evolução do pensamento

O conhecimento é algo construído ao longo de um processo histórico. Ele sofre influência das novas contribuições e, ao mesmo tempo, mantém estruturas do momento anterior. Desse modo, pode-se entender a evolução do pensamento de Milton Santos como uma construção intelectual que foi sendo amadurecida com as sucessivas experiências, as quais permitiram o aperfeiçoamento de sua formação inicial.

Segundo Souza (1996), a evolução do pensamento de Santos coincide com a própria evolução do pensamento geográfico

brasileiro: empirista em sua fase inicial, passando pelo uso do método indutivo-dedutivo, para, finalmente, chegar a uma interpretação da realidade a partir da dialética.

No entanto, é difícil marcar o ponto exato da passagem da fase inicial, a que realmente interessa a este trabalho, para as seguintes. No entender de Souza (1996), a dedicação de Santos ao estudo, durante o exílio, teve muita importância, pois é nesse período que ele “constrói um pensamento teórico crítico” (p.30). “É aí que fundamenta, sem dúvida nenhuma, sua obra posterior.” (p.31).

O próprio depoimento de Santos confirma essa idéia. Numa entrevista¹, ao falar sobre a capacidade de teorizar dos latino-americanos, especialmente daqueles que foram forçados ao exílio, ele declarou que, durante esse período, dedicou-se seriamente ao estudo da filosofia² e que a necessidade de viver em uma outra cultura, a qual não fazia parte de sua realidade, de aprender novas línguas, fez com que perdesse o referencial concreto das coisas, sendo obrigado a estruturar seu pensamento, fundamentá-lo em conceitos, ampliando, assim, sua capacidade de abstração e teorização, apesar das muitas experiências em viagens que poderiam tê-lo transformado num geógrafo empirista.

A influência francesa

Santos graduou-se em Direito (1948) e, inicialmente, não teve sua formação realizada diretamente por geógrafos. Seu contato inicial com a Geografia foi através da leitura de geógrafos franceses e da atividade de professor do ensino médio (Andrade, 1996). Aos 15 anos, já ministrava aulas (Território e Sociedade, 2000).

¹ Entrevista em vídeo, gravada em 1995, por ocasião da reintegração de M. Santos à UFBA.

² Ver também *Território e Sociedade...*(2000): “Eu me refugiava na filosofia...”(p.110).

Depois de formado, foi para Ilhéus lecionar e fazer pesquisas. Seu primeiro livro, *O Povoamento da Bahia*, baseado em vários historiadores, foi apresentado como tese de concurso para professor do ginásio. A região do cacau foi objeto de alguns de seus estudos iniciais.

Em 1954, iniciaram-se os contatos de Santos com os professores franceses de Geografia, quando veio a Salvador lecionar na Faculdade Católica de Filosofia (Silva, 1996). Esses contatos se ampliaram, em 1956, durante o Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro, com professores como Pierre George e Jean Tricart (George, 1996 e Tricart, 1996). Um novo contato aconteceu, em 1959, com Tricart, que veio em missão da cooperação técnica francesa, a qual apoiou a fundação do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, com suas pesquisas orientadas para os estudos urbano-regionais, tendo como um de seus objetivos a formação de pesquisadores.³

Nessa época, o território baiano era pouco estudado⁴ e Santos já tinha experiência de pesquisa, como autodidata, sobre a região do cacau. A proposta do LGERUBa (Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade de Bahia) era a de não apenas fazer uma interpretação da paisagem, mas a de utilizar os conhecimentos sobre a organização espacial. Em suas pesquisas de campo, buscava a realização do inventário de uma área (Conceição, 1996).

Essas relações com a geografia francesa já se tinham sedimentado com a realização do curso de doutorado em Estrasburgo. Segundo Kayser (1996), Santos, ao sair do Brasil, já começava a desenvolver a sua fase teórica, a qual pôde ser aperfeiçoada com a produção de sua tese de doutorado, quando

³ SILVA, M. A. *Da concepção do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade Federal da Bahia (1956-1969)*, nº 10, Salvador, EXPOGEO, 1999.

⁴ "... nada fora estudado e o estado da Bahia era praticamente desconhecido do ponto de vista científico." (Tricart, 1960, p. 36).

teve oportunidade de ampliar seus contatos com uma literatura internacional. Ele já elaborava a categoria de formação socioespacial, que formulou mais tarde (Souza, 1996). A sua saída do Brasil possibilitou a ampliação de seus estudos e de suas observações (Corrêa, 1996).

A influência francesa pode ser percebida na formação do pensamento de Santos⁵, bem como na formação da geografia brasileira como um todo (Andrade, 1996), com a AGB dirigida por Pierre Monbeig e o surgimento de cursos nos moldes franceses em São Paulo, onde já havia uma escola de pensamento geográfico fundada por Monbeig (George, 1996).

Santos admitia ter tido influências de geógrafos franceses como Pierre George, Michel Rochefort e, especialmente, de Jean Tricart⁶, por intermédio do qual teve contato com as idéias de Marx, o que foi reforçado com sua ida à Europa (Território e Sociedade..., 2000). Ainda por influência de Tricart, adotou a concepção de espaço como uma combinação de formas, funções, estrutura e processo (Mamigonian, 1996).

Santos iniciou sua carreira num momento em que a Geografia começava a se afastar do modelo vidalino. Era uma geografia moderna, hoje dita tradicional.

A geografia tradicional francesa era uma ciência empírica, baseada na observação, e tinha o positivismo como fundamentação filosófica. A ênfase estava na geografia regional, que buscava investigar as relações entre homem e natureza e os gêneros de vida, um “conjunto de técnicas e costumes” (Moraes, 1998, p. 69), criados a partir de um relacionamento com o ambiente e na valorização da história. Na geografia urbana, estudavam-se as

⁵ “Quer-nos parecer, entretanto, em que pese o minúsculo de nossa opinião, já expedido alhures e talvez prejudicado pela formação nitidamente francesa de nossa cultura, inclusive geográfica...” (Santos, 1953b, p. 25).

⁶ “Eram mestres que me influenciaram profundamente como Jean Tricart, que foi a pessoa que mais me impressionou, e, de segunda mão, me passou um marxismo.” (Território e Sociedade. 2000, p. 93).

redes de cidades, as funções urbanas, buscando estabelecer a hierarquia dos núcleos urbanos de uma região.

Nos estudos urbanos da geografia vidalina, dava-se importância ao estudo do sítio, para provar a superação do ambiente pelo homem. Essa influência de Vidal de La Blache foi trazida pela escola francesa que se instalou no Brasil (Abreu, 1994).

Objeto e método

Em *Estudos sobre Geografia*, coletânea de artigos publicada em 1953, Santos identificou os métodos principais dessa ciência. Segundo ele, havia o método fundamental (a observação) e os complementares (histórico e estatístico). Além desses, havia o método gráfico, o qual consistia no estudo de mapas e cartogramas. Em associação com esses métodos, o uso de princípios, como os da atividade, unidade, extensão, localização e causalidade, garantiria a validade científica do trabalho geográfico.

A distinção da Geografia em relação às demais ciências era conquistada pelo método de síntese (Santos, 1959f); apesar disso, devido à grande variedade de conhecimentos tradicionalmente usados pela Geografia, havia dificuldade em delimitar sua área de atuação. Sua singularidade estava no fato de ser uma ciência integral e de relações (Santos, 1953c).

Apesar dos limites imprecisos, a Geografia tinha a sua especificidade nos objetivos e métodos aplicados. Para Santos, todo estudo geográfico não poderia prescindir do conceito de área, pois deveria “colocar o homem e as sociedades humanas no seu lugar” (1953d), e estudar as relações entre homem e natureza na elaboração das paisagens.

O grande objetivo era o de descrever e explicar as paisagens, tanto as naturais como as transformadas pelo homem. Nesses estudos, deveriam aparecer os princípios de organização e de hierarquização dos elementos naturais e humanos. Segundo Santos (1960e), em um mundo progressivamente dominado pelas técnicas,

havia necessidade de o geógrafo⁷ “atingir uma certa filosofia das técnicas” (p. 68).

Santos considerou a geografia humana como intermediária entre as ciências naturais e humanas. Entretanto, reconhecia as dificuldades da busca de um objeto, devido à imprecisão dos limites. Isso o levou a crer na complementaridade entre as ciências e na interpenetração dos objetos. Daí vem a concepção interdisciplinar da Geografia e a amplitude de seus estudos, os quais poderiam incluir a atmosfera, a litosfera, a hidrosfera, a biosfera, e ainda, a psicofera (Santos, 1953b).

A geografia possibilista

Os primeiros trabalhos de Santos foram marcados pelo paradigma possibilista; entretanto, suas obras posteriores atestam a superação desse modelo.

O livro *Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia* (1953a) exemplifica bem o paradigma possibilista na obra de Santos. Trata-se de um trabalho escrito originalmente como tese de concurso de livre docência para a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade da Bahia, e tinha como objetivo mostrar a origem da geografia regional e a evolução do conceito de região, querendo “antepor a uma geografia antiga, meramente descritiva ou, quando muito determinista e empírica, uma geografia moderna, descritiva e também explicativa, analítica e possibilista, científica, enfim.”(p. 9).

Esse livro está dividido em quatro partes. Na primeira, Santos apresenta a concepção de geografia como o estudo das relações e como uma ciência essencialmente regional. Na segunda, apresenta uma evolução do conceito de região, tecendo críticas ao

⁷ “Ele não é o técnico das generalidades, mas pretende atingir uma certa filosofia das técnicas, recolocando os problemas no seu conjunto, observando o nexos que existe entre os dados de uma questão, enfim, oferecendo como auxílio às demais ciências, naturais e humanas, a síntese indispensável, que estas, por definição mesmo, não são capazes de empreender.” (Santos, 1960e, p. 68).

conceito de região natural da geografia determinista e defendendo a noção de região humana da escola possibilista. A região geográfica seria construída pelo homem de acordo com o desenvolvimento da sociedade, sendo “um pedaço do território onde se exerce essa teia de relações recíprocas, onde os fenômenos se apresentam dependentes uns dos outros, causando-se e influenciando-se mutuamente.” (p. 4).

Na terceira parte, é discutida a questão da divisão regional, bem como seus problemas.⁸ Apoiando-se em Cholley, defendia que o termo região deveria designar as áreas organizadas pelo homem, e adotou a seguinte classificação de Sorre: região elementar, a qual tinha um “gênero de vida consolidado” em harmonia com o ambiente; região de segunda ordem, que possuía gêneros de vida complementares e as grandes regiões humanas, formadas por uma associação de gêneros de vida.

Na quarta parte, apresentou as conclusões em dez tópicos, cada um deles referindo-se a um dos capítulos, o que, segundo Moraes(1998), era uma das características típicas dos esquemas de exposição das monografias da geografia tradicional, numa tentativa de realizar uma superposição dos fatos e encontrar uma síntese, a partir das relações entre eles.

A geografia era concebida como uma ciência integral, que visava estabelecer relações, pois, conforme as idéias de Cholley, os fatos geográficos expressam uma combinação, sendo o princípio da correlação dos fenômenos uma exclusividade dessa ciência. A região era uma combinação específica de fatores organizados pelo homem, de acordo com as técnicas que possuía. O estudo regional, “o estudo geográfico por excelência”(Santos, 1953a, p.33), era visto como um modo de afirmação da Geografia como saber científico. Essa cientificidade, uma das preocupações de Santos,

⁸ “A demarcação das regiões devia ser feita mediante uma análise temporal, pois a regionalização podia estar sujeita a mudanças contínuas e, por isso, em sua elaboração devia-se considerar as possibilidades futuras.” (Santos, 1953b).

seria afirmada com a definição de “princípios, objeto e métodos próprios”(p.17).

Em outros trabalhos, ainda aparece, também, o conceito de gênero de vida (1955, 1959b, 1960d) e o estudo da relação entre homem e natureza, em regiões específicas como a Cacaueira e o Recôncavo.

A Geografia aplicada

No final da década de 1950, havia um grande interesse pelos estudos urbano-regionais e estímulo para a geografia aplicada (Abreu, 1994), a qual surgiu num momento em que existia extrema preocupação com o planejamento para o desenvolvimento econômico.

A utilização do conhecimento sobre a organização do espaço cresceu bastante depois da II Guerra Mundial. Essa maior utilização foi acompanhada pela evolução dos métodos, do conceito de Geografia e da objetividade desse conhecimento, garantindo-se, assim, seu uso para soluções práticas (Santos e Carvalho, 1960a). A Geografia voltou-se para a prestação de subsídios ao planejamento, valendo-se da capacidade de síntese atribuída aos geógrafos.

A geografia aplicada desenvolvida no LGERUBa (Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia) teve inspiração em inúmeros trabalhos dessa natureza realizados na França, especialmente em Estrasburgo, que contava com um Centro de Geografia Aplicada, e em vários países da Europa e da África.

Conceição (1996) fez uma análise de três dos trabalhos de geografia aplicada escritos por Santos. O primeiro é um estudo comparativo entre as zonas cacaueiras da Bahia e da Costa do Marfim (1960d)⁹. Há, nesse trabalho, uma ênfase na análise regional, com o estudo das condições naturais, seu uso, o consumo

⁹ *Uma comparação entre as zonas cacaueiras do Estado da Bahia e da Costa do Marfim (1960).*

e a circulação, e o uso do conceito de gênero de vida. Ele buscou, através do estudo histórico, explicar a estrutura espacial de cada zona, evidenciando as diferenças entre elas. Apesar dessa análise histórica, Conceição nota a falta de uma “compreensão processual” (p. 25).

Em outro trabalho, *Aspectos Geográficos da Concorrência entre os Diversos Meios de Transporte na Zona Cacaueira da Bahia (1960c)*, foi mostrada a evolução dos transportes através de uma análise estatística que relacionava a evolução técnica com a organização espacial.

No terceiro trabalho, *Alguns Problemas do Crescimento da Cidade do Salvador*, há um estudo da urbanização mediante as contradições da realidade, onde as desigualdades das moradias são o resultado da especulação imobiliária. Ressaltou ainda, nesse trabalho, o papel dos agentes sociais e do Estado (no caso representado pelo município), o qual favorecia os especuladores com a criação de normas de uso do solo. Conceição diz que não há ainda, na análise de Santos, uma compreensão dialética¹⁰, mas identificou uma postura crítica na idéia de que a “região cria a cidade” (p. 27), e a cidade influencia a região por meio dos fluxos do seu porto.

Há ainda outros trabalhos de geografia aplicada, tais como: *Localização Industrial em Salvador (1958b)*, *A Vida Humana no Vale Médio do Rio Paraguaçu*, *Zonas de Influência comercial da Bahia (1956)*, *O Centro da Cidade do Salvador (1959c)*, *Estudos de Geografia da Bahia (1958)*¹¹ e alguns estudos sobre Itabuna, na zona do cacau, e sua região. Há também obras com discussões teóricas sobre o tema (*A Geografia Aplicada, 1960a* e *Geografia e Desenvolvimento Econômico, 1960b*).

¹³ “Não se revela, em sua análise, o caráter das contradições dialéticas das relações.”(Conceição, 1996,p.27).

¹¹ Trata de uma série de estudos sobre questões regionais voltadas para a geografia aplicada. Foram realizados por Santos e uma equipe do LGERUBa, sob a orientação de Tricart, a pedido de instituições governamentais (Tricart, 1960).

A pedido do Serviço de Municipalidades da Secretaria do Interior, Santos e Tricart elaboraram uma divisão regional para a Bahia (Tricart, 1960). A regionalização baseou-se tanto nos aspectos naturais como nos aspectos sociais e econômicos, bem como na área de influência das cidades (Santos e Tricart, 1958a). Para eles, a idéia de região geográfica como um conceito sintético, baseado na paisagem, na homogeneidade do meio físico e no aproveitamento dos recursos naturais, ou seja, estabelecido pela relação entre homem e natureza, era válida para as regiões com pouco desenvolvimento técnico, já que a evolução técnica favorece a transformação do meio. Para as demais regiões, a análise da paisagem era insuficiente, pois elas deveriam ser estabelecidas não só pelo meio físico e pelas formas de exploração dos recursos naturais, mas também pelas atividades secundárias e terciárias.

A região era vista como um conceito relativo e abstrato, pois poderia ser delimitada de acordo com critérios escolhidos em concordância com o aspecto da realidade que se desejasse representar. Além disso, as regiões não eram permanentes, mas buscavam ampliar o poder de organização do espaço e de transmissão de informações (Santos, 1953a).

No trabalho sobre *As Zonas de Influência Comercial da Bahia*, foi feita uma investigação sobre a área de influência da metrópole baiana. A tese do trabalho era a de que algumas áreas do território da Bahia sofriam influência comercial de outros estados, devido à falta de industrialização e de uma rede de transporte adequada. A divisão em nove regiões urbanas levou em consideração o alcance das atividades comerciais das capitais regionais (Ilhéus-Itabuna, consideradas em conjunto, Feira de Santana, Jequié, Conquista, Alagoinhas, Juazeiro, Senhor do Bonfim, Jacobina e Salvador). Salvador era, ao mesmo tempo, metrópole da Bahia e capital regional do Recôncavo. A influência urbana era determinada pelos serviços, funções, comércio e transporte. O comércio era o principal fator de influência das cidades e de regionalização. Nesse trabalho, a avaliação das

relações comerciais foi feita através da aplicação de questionários e da verificação da procedência das mercadorias.

Os estudos urbano-regionais

O interesse de Santos pelos estudos de rede urbana vem do início de sua carreira, e foi se acentuando com o contato com geógrafos franceses, especialmente Jean Tricart. Entre seus trabalhos, destacam-se os estudos de cidades como Salvador, Nazaré, Jequié, Ituberá e das redes urbanas do Recôncavo e da região cacauzeira (Corrêa, 1996).

Para Santos, a organização das regiões se dava “em torno e em função das cidades”(1953 a,p.80), sendo o crescimento delas o resultado de fatores regionais. O comércio e a indústria eram fatores de regionalização, reforçados pelas rodovias. Isso coincide com as idéias de Sorre sobre a importância das rodovias para a cidade (Vasconcelos, 1999).

Santos (1959) conceituou a cidade como uma “forma particular de organização do espaço...”, que “... preside as relações de um espaço maior em seu derredor, que é a sua zona de influência” (p.7). Para chegar a uma conceituação mais completa, recorreu à definição de Tricart, contida no trabalho *Habitat Urbano*, segundo a qual a cidade era delimitada por suas funções, por seu gênero de vida e por uma paisagem resultante dessas categorias e do passado histórico.

A cidade deveria ser estudada em seu caráter de centralidade, em meio a uma região, e fazendo parte de uma rede urbana, na qual ocupava uma posição na hierarquia.

Nas idéias de Tricart, havia uma ligação entre desenvolvimento urbano e economia, relação que também foi estudada por Santos. Essas idéias sobre o “habitat urbano” destacavam o estudo das formas e consideravam que a paisagem deveria ser explicada pela estrutura social e econômica. O espaço urbano era, então, o reflexo das estruturas (gênero de vida, estratificação social, nível de desenvolvimento técnico e recursos financeiros disponíveis). Os problemas urbanos eram resultantes da

dinâmica do desenvolvimento social e dos conflitos de classe. As funções comandavam a organização social, mas também podiam ser comandadas por ela.

Tricart dava importância às influências históricas, devido à “força de permanência das estruturas urbanas” (Vasconcelos, 1999, p.224), pois as formas mudam mais lentamente que a sociedade. Vasconcelos apontou, no trabalho de Tricart, uma reflexão dialética, que dava importância ao papel dos agentes sociais, “sugerindo uma abordagem marxista” (p.223). Segundo Santos, o livro de Tricart (*O Habitat Urbano*) já ilustrava a idéia de dialética socioespacial (*Território e Sociedade*. 2000).

Na obra *A cidade como centro de região* (1959a), Santos fez uma revisão dos conceitos de cidade de autores como Ratzel, Sorre, Pierre George, por exemplo. Apoiando-se em George, apontou para os ritmos das transformações que são diferenciados, devido aos diferentes sistemas econômicos, ressaltando, assim, a relação entre economia e espaço urbano.

Para ele, o critério da centralidade era essencial, porém “insuficiente para definir a cidade” (p.10). Com base no conceito de Etienne Juillard, a cidade seria definida por dois aspectos: sua centralidade e sua diferenciação do meio rural; entretanto, a maior dificuldade estava na identificação das formas urbanas menos desenvolvidas.

Uma definição geral que considerasse a oposição entre rural e urbano seria desaconselhável. O fenômeno urbano poderia ser explicado pela “idéia de autonomia” (p. 11) de Sorre, pois a cidade é “geralmente independente para sua alimentação do território” (p. 9), tendo a função de coordenação e organização do espaço.

Esse conceito de Sorre¹² foi aplicado no estudo de Milton Santos sobre a zona do cacau (1955). Ao analisar as cidades da região, concluiu que muitas delas não eram propriamente um fato

¹² “Uma cidade... é um núcleo de população que não depende para sua subsistência do meio que o cerca...” (Santos, 1955, p. 66). Ver também *A cidade como Centro de Região* (1959a, p.9 e 11).

urbano, pois eram dependentes da área rural produtora do cacau. Apenas Ilhéus e Itabuna foram consideradas como cidades.

Metodologia dos estudos urbanos

A primeira fase da obra de Santos, já foi dito, caracterizou-se pelo interesse por estudos locais de caráter empírico. Nesse período, fez estudos pioneiros sobre rede urbana da Bahia, com a aplicação de questionários para a definição da hierarquia dos lugares centrais (Corrêa, 1996). Em *A cidade como centro da região* (1959a), há uma apresentação da teoria de Walter Christaller, e, em *A Rede Urbana do Recôncavo* (1959b), houve a aplicação do método de Rochefort (Silva, 1996).

Em seus principais trabalhos sobre o Recôncavo e a região cacauzeira, existia uma preocupação com a dinâmica espacial, com as funções e hierarquias urbanas (Corrêa, 1996).

A Rede Urbana do Recôncavo trata da origem da região. Segundo Corrêa (1996), nesse trabalho, há o esboço de uma periodização. Nele, três períodos foram identificados, nos quais Salvador era sempre o centro principal.

O primeiro foi do século XVI ao XIX e corresponde ao que Santos chamou de período pré-mecânico, onde os núcleos urbanos surgiram com as funções de defesa e de porto de exportação (Jaguaripe, São Francisco do Conde e Cairu).

O segundo período foi do século XIX até a década de 50 do século XX. Nele houve o desenvolvimento dos núcleos urbanos influenciados pelo transporte fluvial (Cachoeira, Nazaré, Santo Amaro). Já o terceiro período foi caracterizado pelo crescimento de Feira de Santana e Alagoinhas, as quais funcionavam como centros secundários, favorecidos pelas ligações rodoviárias.

As três gerações de núcleos urbanos se sucederam devido à evolução técnica dos transportes e da produção que levaram à superação dos fatores naturais. A primeira geração surgiu ainda no período pré-mecânico, enquanto as outras duas são posteriores à implantação das ferrovias. As mudanças na hierarquia urbana foram efetivadas em função da evolução dos transportes.

Essa hierarquia foi definida a partir do método Rochefort, que é um método de avaliação estatística sobre a importância dos núcleos urbanos através da medição do setor terciário, o qual expressa uma capacidade de coordenação e o nível de relações da cidade. A importância do terciário podia ser medida dentro da cidade, comparando-o ao total da população ativa, ou na região, comparando-o ao volume do terciário regional.

A dificuldade de aplicação desse método devia-se ao fato de a coleta dos dados estatísticos ser feita por município e não por cidade. Isso exigiu uma adaptação. Passou-se a considerar toda a população ativa dos setores secundário e terciário como urbana, e toda a população do setor primário como rural.

Esse método foi usado, no Brasil, primeiramente pelo próprio Rochefort e era adequado para a realidade da época, pois, num país não industrializado, o comércio podia ser o critério para a avaliação da centralidade, e mesmo um fator de regionalização.

Toda a elaboração desse trabalho fundamentou-se na análise estatística e na reconstituição histórica, aparecendo, em sua bibliografia, vários estudos históricos.

Esses estudos de centralidade se enquadram bem no contexto de renovação da Geografia tradicional brasileira, na metade do século XX. Um dos marcos dessa renovação foi o Congresso Internacional de Geografia de 1956, onde a Geografia brasileira recebeu influências de geógrafos como Pierre George, Jean Tricart e Michel Rochefort. Tricart e Rochefort introduziram o tema da rede urbana (Corrêa, 1994). A partir daí, passou-se à preocupação, na composição das monografias urbanas, com o estudo dos níveis de centralidade e da área de influência. Na época, isso se tornou um padrão de estudos (Abreu, 1994).

Os trabalhos de Santos sobre Jequié e Nazaré são estudos sobre as hinterlândias. No estudo sobre Jequié, Santos defendeu a tese de que ela seria uma capital regional que influenciava não só seu entorno, mas também a região do cacau, o que se concretizou. Ele elaborou uma reconstituição histórica da ocupação da cidade e um estudo do seu sítio. Em seu processo de evolução, Jequié foi

favorecida pela localização próxima à estrada de rodagem, e por ser um local de encontro entre diferentes regiões (Santos, 1956d).

O tema da relação entre cidade e região era muito tratado na geografia francesa. Foi originado na geografia possibilista, porém sofreu uma evolução depois dos anos 50.

Outra influência metodológica marcante, nessa época, foi a proposta de Pierre Monbeig. Sua metodologia de estudos urbanos propunha o estudo da “posição da cidade” (Vasconcelos, 1999, p. 143), do quadro natural, do povoamento, das casas, da circulação e das funções, as quais só podiam ser entendidas com o auxílio da história. Essa era uma proposta da geografia francesa adaptada ao Brasil. Ela tentava estabelecer uma síntese dos elementos físicos e humanos, buscando encontrar as individualidades. Nessa metodologia, a coleta de dados se fazia pela observação direta e por fontes secundárias.

Em alguns de seus trabalhos, Santos adotou o método de Monbeig, como na monografia urbana sobre Ubaitaba (1954)¹³ e no estudo regional que tratou também dos aspectos urbanos, sobre a zona do cacau (1955). Também escreveu monografias urbanas parciais, nas quais utilizou o mesmo método, mas não tratou de todos os aspectos da monografia padrão, como nos trabalhos sobre Nazaré (1955) e Ituberá (1957), que analisam apenas o sítio (Abreu, 1994).

Para Abreu (1994), além das monografias urbanas, o período da geografia tradicional brasileira também foi marcado por grandes estudos urbanos. Foram obras caracterizadas por uma rica e abrangente análise empírica. Entre elas, está o estudo de Santos sobre o centro de Salvador. *O Centro da Cidade do Salvador* (1959c) representou uma mudança metodológica, em que se estabeleceram relações entre os fatos geográficos e a concepção da

¹³ Esse trabalho fez um estudo da organização espacial, levando em conta o desenvolvimento histórico, a produção do cacau, a evolução dos transportes, as funções e as condições de ocupação do sítio. Sua metodologia consistiu na pesquisa de campo (observação, coleta de depoimentos e entrevistas).

cidade como o resultado das técnicas, como Monbeig também concebia, além da preocupação com a análise das funções urbanas (Conceição, 1996).

É possível mostrar a origem de algumas questões conceituais “da obra de Santos em sua primeira fase¹⁴, a partir do exame da cidade do Salvador” (Vasconcelos, 1996, p. 109). No livro *O Centro da Cidade do Salvador*, já existia uma preocupação conceitual, “discutindo a indivisibilidade da paisagem, os elementos da estrutura, a dinâmica, a inércia, a paisagem, a forma e a função, o que será objeto principal de seus livros teóricos dos anos oitenta” (p. 111). A concepção de geografia como filosofia da técnica, que Santos desenvolveu em *A Natureza do Espaço*, já podia ser encontrada no livro *Marianne em Preto e Branco*¹⁵, uma coleção de artigos publicada em 1960 (Território Sociedade. 2000). Vasconcelos (1999) apontou que, em *O Centro da Cidade do Salvador*, há uma discussão dialética quando Santos interpreta a paisagem como o resultado de uma evolução, de um dinamismo, mas que também enfrenta “fatores de inércia” (p.252).

Essa foi, sem dúvida, a principal obra de Santos em sua primeira fase. Ela foi originalmente apresentada como tese de doutorado em geografia humana à Universidade de Estrasburgo, na França. É um trabalho composto com elementos de pesquisa histórica, mostrando a evolução da cidade, com interpretações de dados estatísticos e informações obtidas em pesquisa de campo. Foi organizada em quatro capítulos, dispostos de acordo com a metodologia do autor: formação e evolução da cidade, ocupação do

¹⁴ “... há outras idéias. Mas que não chegaram a ser idéias, eram pré-idéias. Porque a idéia já tem forma e a forma já é um bloqueio. No momento da criação, é uma pré-idéia que depois vai se desenvolvendo. O resto do que escrevi é pretensamente geografia. São enfoques diferentes e, em cada momento, aquela era a geografia” (Território e Sociedade . 2000, p. 93).

¹⁵ Essa idéia apareceu pela primeira vez em um artigo do Jornal A Tarde, chamado A Nova Geografia, e que depois foi reproduzido no livro *Marianne em Preto e Branco*.

sítio, estudo das funções (portuária, administrativa, comercial, bancária e industrial), análise da paisagem, da circulação, da dinâmica populacional, da estrutura urbana e das formas.

O Centro da Cidade do Salvador adquiriu importância não apenas pela riqueza analítica e inovação metodológica, mas também por apresentar uma conjugação de aspectos que já haviam sido estudados pelo autor em outros trabalhos publicados na década de 1950. Antes de escrever esse trabalho, Santos já tinha cerca de dez anos de pesquisa em Geografia.

Segundo Santos, o Centro de Salvador era dotado de fatores ativos (as funções regionais) e passivos (o sítio e a estrutura antiga), sendo a paisagem (o aspecto visível em dado momento) o resultado da combinação desses fatores. Em sua análise, a evolução urbana foi condicionada pela economia regional e pelos avanços técnicos, em concordância com os interesses dos agentes sociais.

Sua metodologia ainda guarda influência do método de Monbeig, bem como das concepções de Tricart sobre o espaço urbano, as quais foram citadas anteriormente. O conceito de centro de cidade utilizado é o de um espaço de “concentração de recursos e funções que conferem poder de organização” (Santos, 1959e, p. 19). Além disso, pode-se mesmo dizer que *O Centro da Cidade do Salvador* contém o aparato teórico-conceitual de Santos, porém ainda em forma embrionária. Sua proposta era a de estudar as especificidades, rejeitando os modelos gerais de interpretação. Para Brandão (1996), *O Centro da Cidade do Salvador* expressou a proposta de fazer ciência a partir da verdade particular, apoiando-se nos conceitos de função, estrutura e paisagem.

Existem ainda outros estudos sobre Salvador, como o da Baixa dos Sapateiros (1957), da distribuição das indústrias (1958b), das migrações (1963), bem como artigos sobre o crescimento exagerado da cidade (1956c, 1958c) e sobre o seu papel metropolitano (1956b).

Para Abreu, o estudo dos agentes modeladores do espaço se iniciou com o trabalho de Santos sobre a localização industrial:

A análise do que hoje se denominam agentes modeladores do espaço também tem seu início no período em análise, com atenção especial sendo dada ao papel da indústria. Ainda na década de 50, Santos e Carvalho publicam um pioneiro trabalho sobre a localização industrial em Salvador, identificando diferentes tipos de área industrial na cidade e discutindo seus critérios de localização. Essa temática seria retomada por Santos... (Abreu, 1994, p.231)

No trabalho *Localização Industrial em Salvador* (1958b), analisou a distribuição espacial das indústrias em associação com fatores da dinâmica social da cidade.

A ligação entre a organização do espaço urbano e os fatores sociais também foi investigada em *Alguns Problemas do crescimento da Cidade do Salvador* (1961), um estudo da urbanização do centro e da produção das áreas residenciais, onde as desigualdades espaciais eram criadas pela especulação imobiliária, favorecida pela atuação do Estado que controla o uso do solo.

O jornalista Milton Santos

Antes mesmo de obter o reconhecimento por suas atividades acadêmicas, Santos destacou-se por seu trabalho no jornal *A Tarde*, na década de 50, do qual foi correspondente e editorialista, publicando cerca de 112 artigos. A maioria deles foi publicada entre 1952 e 1962 e trata de assuntos extremamente variados, entre os quais podem-se destacar aqueles ligados à região do Cacaú, à cidade de Salvador e às experiências em viagens à África, Europa e Cuba. Santos também conseguiu levar ao seu trabalho jornalístico algumas discussões acadêmicas, através de textos sobre objeto, método e ensino da Geografia.

Como correspondente do jornal, em Ilhéus, produziu vários artigos sobre a região cacaueira, objeto de suas primeiras pesquisas. Tais artigos tratam de aspectos ligados à produção do cacaú, divisão regional e formas de ocupação da região, além de

fatos do cotidiano político e social da época.¹⁶ Numa discussão sobre a implantação da policultura na região (Santos, 1953e), mostrou-se contrário à substituição da cacauicultura, pois acreditava que as características naturais da região, favoráveis para a produção do cacau, deveriam ser aproveitadas ao máximo. Era a favor da diversificação das culturas apenas nas áreas que não apresentavam as condições ideais para a produção do cacau. Defendia, também, a necessidade de melhoria nas infra-estruturas e de investimentos na industrialização, a qual traria a necessária diversificação econômica que libertaria a região das crises provocadas pela oscilação do preço do cacau no mercado externo.

De suas viagens para a África e Europa resultaram duas séries de artigos, publicados em 1958: *Imagens da África e Imagens da Europa*, com 13 e 4 artigos respectivamente. Na série *Imagens da Europa* a maior parte dos artigos foi escrita durante sua estadia em Estraburgo e retratam um pouco da geografia e dos costumes franceses, conhecidos durante algumas excursões. (Santos, 02/05/1958h e 03/04/1958i).

Sobre a África, teve oportunidade de escrever em dois momentos. O primeiro em 1958 e o segundo em 1962. No primeiro momento, produziu a série *Imagens da África*, a partir de suas observações em algumas cidades do continente. De sua visita a Dakar produziu uma descrição do rápido crescimento da cidade, o qual foi motivado pelo dinamismo comercial e pelas inovações introduzidas pela colonização francesa. Para Santos, a cidade era um fenômeno recente na África negra, assim como a economia de mercado e monetária introduzida pelos europeus. Entretanto, os novos valores urbanos já provocavam a dissolução dos costumes tradicionais (1958e). Uma nova viagem e novos artigos sobre a África foram feitos em 1962. Na maioria dos artigos, Santos teve

¹⁶ Vários artigos tratam de fatos ligados à economia cacauífera e às formas de ocupação do espaço regional (Habitat Rural na zona do Cacau, 27/06/1953; Habitat Urbano na Zona do Cacau: posição e problema, 18/02/1954) e sobre a divisão regional (Divisão Regional da Zona do Cacau, 09/02/1956).

preocupação com os aspectos ligados à economia, à cultura e à política dos países que visitou.

Nessas viagens, Santos visitou países como Tunísia, Senegal, Gana, Sudão e Costa do Marfim, adquirindo, mediante a observação, muitos elementos que o ajudaram a compor os capítulos sobre as cidades africanas do livro *A Cidade dos Países Subdesenvolvidos*.

Em 1960, Santos foi convidado pelo ex-presidente Jânio Quadros para fazer a cobertura jornalística de sua viagem a Cuba. Com os artigos escritos, foi publicada outra série (*Visita a uma Revolução*) em abril de 1960, onde são analisadas algumas das mudanças implementadas pelo governo de Fidel Castro e a situação da política interna e externa de Cuba após a revolução. Para Santos, a revolução já era vitoriosa; entretanto, no plano internacional, devido à dependência em relação aos Estados Unidos e ao boicote estabelecido, haveria dificuldades de ordem econômica e social. A solução para Cuba seria receber apoio político e comercial dos países latino-americanos, o que Santos cria ser, naquele momento, quase impossível.

Nos artigos que tratam de Salvador¹⁷, Santos abordou temas como o crescimento populacional e o papel metropolitano, pois a cidade concentrava a maior parte dos recursos financeiros, das atividades econômicas e dos serviços públicos existentes em toda Bahia. O crescimento excessivo de Salvador em relação à sua área de influência levou Santos a afirmar que havia uma macrocefalia urbana na metrópole estadual.

Conclusão

A fase de produção intelectual de Milton Santos estudada neste trabalho caracterizou-se, principalmente, pelos estudos urbano-regionais. A diferença dessa primeira fase para as seguintes consistiu, essencialmente, nos temas e métodos aplicados. Na

¹⁷ Para mais informações a respeito dos trabalhos de Milton Santos sobre a cidade de Salvador, ver F. S. Silva e M. A. da Silva (2002).

primeira fase, predominaram os estudos empíricos. Nas fases seguintes, suas obras ganharam um suporte teórico-conceitual mais elaborado.

Outra característica marcante foi a influência da geografia francesa sobre a sua formação. Entretanto, a despreocupação com as citações bibliográficas, em muitos trabalhos, dificulta o conhecimento da origem de algumas idéias, uma característica que existia, também, entre os geógrafos franceses (Abreu, 1994).

Mesmo entre as obras do período estudado (1948-1964), é possível perceber as mudanças no pensamento de Santos ainda dentro da década de 1950. De uma geografia essencialmente empírica e fortemente influenciada pelo possibilismo francês, sua obra evoluiu com a renovação dos métodos de investigação, embora ainda com influência francesa de autores como Monbeig, Rochefort, George e Tricart, passando já a apresentar um sensível aperfeiçoamento conceitual.

A análise aqui realizada tem como um dos objetivos o incentivo a investigação de uma fase extremamente rica do trabalho de Milton Santos, propondo-se também, a subsidiar futuros estudos sobre a obra de Santos, bem como sobre sua importância para a evolução do pensamento geográfico.

Referências bibliográficas

Milton Santos

SANTOS, M. Os Fatores Econômicos. A Tarde. Salvador. 11/01/1952a.p. 3.

_____. **Bandeirantes e Povoadores.** A Tarde. Salvador. 08/02/1952b.p. 3

_____. **Regionalização para fins de Planejamento.** A Tarde. Salvador. 15/05/1952c.p.3.

_____. **Fatos de População da Zona Cacaueira.** A Tarde. Salvador. 28/06/1952d.p.9.

_____. **Uma Aparente Contradição.** A Tarde. Salvador. 13/09/1952e.p.3.

_____. **Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia.** Salvador. Imprensa Oficial. 1953a.

_____. **Estudos Sobre Geografia.** Salvador. Tipografia Manú. 1953b.

_____. **A Originalidade da Geografia.** A Tarde. Salvador. 09/03/1953c.

_____. **O Que é e o Que não é Geográfico.** A Tarde. Salvador. 13/02/1953d.

_____. **Policultura na Zona do Cacau.** A Tarde. Salvador. 11/08/1953e.

_____. **Habitat Rural na Zona do Cacau.** A Tarde. Salvador. 27/06/1953f.

_____. **Fatos de Transporte na Vida Baiana.** A Tarde. Salvador. 17/01/1953g. p.3

_____. **O Assassínio do Brasil.** A Tarde. Salvador. 24/02/1953h.

_____. **Alimentação na Zona Cacaueira.** A Tarde. Salvador. 17/03/1953i.

_____. **O Fracasso do Brasil.** A Tarde. Salvador. 17/04/1953j.

_____. **A Antiga Capital do Cacau.** A Tarde. Salvador. 02/05/1953l.

_____. **O Medo do Gato Escaldado.** A Tarde. Salvador. 08/05/1953m.

_____. **A Região de Alagoinhas.** A Tarde. Salvador. 03/06/1953n.

_____. **Um Plano de Energia para a Bahia.** A Tarde. Salvador. 01/09/1953o.

_____. **Ainda o Destino de Ilhéus.** A Tarde. Salvador. 01/10/1953p.

_____. **O Comum e o Complexo em Geografia.** A Tarde. Salvador. 11/01/1953q.

_____. **Ubaitaba. Estudo de Geografia Urbana.** Salvador. Imprensa Oficial da Bahia. 1954a.

_____. **Habitat Urbano na Zona do Cacau: posição e problema.** A Tarde. Salvador. 18/02/1954b.

_____. **O Papa e o Professorado.** A Tarde. Salvador. 11/01/1954c.

_____. **Américo Simas, o planejador.** A Tarde. Salvador. 21/01/1954d.

_____. **As Chuvas Artificiais.** A Tarde. Salvador. 15/04/1954e.p.3.

_____. **A Geografia Fácil.** A Tarde. Salvador. 29/04/1954f.p.3.

_____. **Os Vencimentos do Professorado.** A Tarde. Salvador. 10/05/1954g.

_____. **O Itinerário das Águas Belas.** A Tarde. Salvador. 01/06/1954h.

_____. **Definição Popular de Lusotropicalismo.** A Tarde. Salvador. 10/06/1954i.

_____. **A Forma do Território Baiano.** A Tarde. Salvador. 22/06/1954j.

_____. **O aniversário de Ilhéus.** A Tarde. Salvador. 28/06/1954l.

_____. **O Secretário e a Geografia.** A Tarde. Salvador. 01/09/1954m. p.3

_____. **Comentário a 2 Mapas da Zona Cacaueira.** A Tarde. Salvador. 22/10/1954n. p.3

_____. **Fazendas de Cacau na Bahia.** A Tarde. Salvador. 06/11/1954o.

_____. **Zona do Cacau. Introdução ao Estudo Geográfico.** Salvador. Artes Gráficas. 1955a.

_____. **Assassinato de uma Cidade.** A Tarde. Salvador. 18/03/1955b.

- _____. **Por que Tanto Francês?** A Tarde. Salvador. 30/04/1955c.p.3.
- _____. **Teses de Concurso.** A Tarde. Salvador. 09/07/1955d.p.3.
- _____. **A Salvação dos Rios.** A Tarde. Salvador. 21/07/1955e.p.3.
- _____. **Regularização do Clima.** A Tarde. Salvador. 19/08/1955f.p.3.
- _____. **As Estradas Correm para o Sul.** A Tarde. Salvador. 13/10/1955g.p.3.
- _____. **Despoeira-se o Recôncavo.** A Tarde. Salvador. 26/10/1955h.p.3.
- _____. **Zonas de Influência Comercial do Estado da Bahia.** Salvador: Diretório Regional de Geografia n.2, 1956a.
- _____. **Salvador, cidade absorvente.** A Tarde. Salvador. 08/05/1956b.p.3.
- _____. **Dois assuntos e um Terceiro.** A Tarde. Salvador. 01/08/1956c.
- _____. A Cidade de Jequié e sua Região. **Revista Brasileira de Geografia** 18(1). Rio de Janeiro: IBGE. 1956d. p.71-112.
- _____. **Divisão Regional na Zona do Cacau.** A Tarde. Salvador. 09/02/1956e.
- _____. **O Grande Erro.** A Tarde. Salvador. 05/06/1956f.p.4.
- _____. **Assunto para Discurso.** A Tarde. Salvador. 20/06/1956g.p.4.
- _____. **Indústrias na Zona Cacaueira.** A Tarde. Salvador. 26/06/1956h.p.4.
- _____. **Uma Grave Denúncia.** A Tarde. Salvador. 05/07/1956i.p.4.
- _____. **Questão de Fígado.** A Tarde. Salvador. 23/07/1956j.p.4.

- _____. **Cacau e Amendoim.** A Tarde. Salvador. 29/09/1956l.p.4.
- _____. **O Interesse do Cacau.** A Tarde. Salvador. 27/10/1956m. p.4.
- _____. **O Pirão e a Carne.** A Tarde. Salvador. 24/11/1956n.p.4.
- _____. A Baixa dos Sapateiros. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.** 81. 1957a. p. 71-79.
- _____. **O Cacau e a Bahia.** A Tarde. Salvador. 09/08/1957b.
- _____. **Os Transportes no Brasil.** A Tarde. Salvador. 14/01/1957c.
- _____. **O Escorrego de Engenheiro Vasco Neto.** A Tarde. Salvador. 22/04/1957d.
- _____. e TRICART, J. **Estudos de Geografia da Bahia.** Geografia e Planejamento. Salvador: Livraria Progresso, 1958a.
- _____. Localização Industrial em Salvador. In: JACOBINA, D. **Localização Industrial.** Salvador: CPE, 1958b.
- _____. **Devemos Transferir a Capital da Bahia?** A Tarde. Salvador. 03/09/1958c.
- _____. **Em Pleno Sudão.** A Tarde. Salvador. 24/07/1958d.
- _____. **Dakar.** A Tarde. Salvador. 15/07/1958e.
- _____. **Cacau, lá e cá.** A Tarde. Salvador. 29/07/1958f.
- _____. **As Franjas do Deserto.** A Tarde. Salvador. 01/08/1958g.
- _____. **Artigo do dia.** A Tarde. Salvador. 02/04/1958h.
- _____. **Retalhos da França.** A Tarde. Salvador. 03/04/1958i.
- _____. **Mestre Simões Filho (Strasbourg).** A Tarde. Salvador. 16/01/1958j.p.4.
- _____. **A Universidade – “Habeas Corpus” Preventivo.** A Tarde. Salvador. 03/02/1958l.

- _____. **O Grande Desconhecido.** A Tarde. Salvador. 12/03/1958m.p.4.
- _____. **A Opinião Pública.** A Tarde. Salvador. 25/02/1958n.
- _____. **Política e Administração.** A Tarde. Salvador. 14/04/1958o.p.4.
- _____. **A Nova Geografia.** A Tarde. Salvador. 19/04/1958p.
- _____. **Artigo do Dia.** A Tarde. Salvador. 02/05/1958q.
- _____. **Primavera em Paris.** A Tarde. Salvador. 05/07/1958r.
- _____. **O Perigo Doméstico.** A Tarde. Salvador. 09/07/1958s.p.4.
- _____. **Dakar.** A Tarde. Salvador. 15/07/1958t.
- _____. **Lisboa.** A Tarde. Salvador. 19/07/1958u.
- _____. **Em Pleno Sudão.** A Tarde. Salvador. 24/07/1958v.
- _____. **Cacau, lá e cá.** A Tarde. Salvador. 29/07/1958x.
- _____. **As Franjas do Deserto.** A Tarde. Salvador. 01/08/1958z.
- _____. **A Propósito dos Eleitores.** A Tarde. Salvador. 29/10/1958.p.4.
- _____. **O Preço das Guerras.** A Tarde. Salvador. 05/11/1958.
- _____. **Bibliografia.** A Tarde. Salvador. 13/11/1958.
- _____. **Geografia do Trânsito.** A Tarde. Salvador. 29/11/1958.
- _____. **Vale a pena Crescer.** A Tarde. Salvador. 16/12/1958.
- _____. **A Cidade como Centro de Região. Definições e Métodos de Avaliação.** Salvador. LGER/Universidade da Bahia. 1959a.
- _____. **A Rede Urbana do Recôncavo.** Salvador. Imprensa Oficial. 1959b.
- _____. **O Centro da Cidade do Salvador.** Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959c.

_____. **Contribuição ao Estudo dos Centros de Cidades: o exemplo de Salvador.** Separata do Boletim Paulista de Geografia.32. São Paulo. 1959d. p.24-29.

_____. **A Cultura do Cacau na Costa do Marfim.** Separata do Boletim Paulista. São Paulo. n .31. 1959e.p.69-95.

_____. **A Geografia Fácil.** A Tarde. Salvador. 29/04/1959f.

_____. **Fazendeiros do Asfalto.** A Tarde.Salvador. 07/01/1959g.

_____. **Programa de Estudos de Geografia Humana para o Vale do Paraguaçu.** Universidade da Bahia/ LGER. Salvador. 1959h.

_____ e CARVALHO, A. **A Geografia Aplicada.** Salvador. LGER/Universidade da Bahia. 1960a.

_____. **Geografia e Desenvolvimento Econômico.** Problemas e Soluções. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960b.

_____. **Aspectos Geográficos da Concorrência entre os Diversos Meios de Transportes da Zona Cacaueira da Bahia.** Separata do Boletim Baiano de Geografia. I. n.1. Salvador. 1960c. p. 41-60.

_____. **Uma Comparação entre as Zonas Cacaueiras do Estado da Bahia(Brasil) e da Costa do Marfim.** Boletim Baiano de Geografia. I(3). 1960d.

_____. **Marianne em Preto e Branco.** Salvador: Livraria Progresso, 1960e.

_____. **Visita a uma Revolução.** A Tarde. Salvador. 20/04/1960f.

_____. **Dois Coelhos, duas Cajadadas.** A Tarde. Salvador. 09/04/1960g.

_____. **A Revolução Continua.** A Tarde. Salvador. 14/04/1960h.

_____. **Contra Revolução.** A Tarde. Salvador. 16/04/1960i.

_____. **Posição da Igreja.** A Tarde. Salvador. 18/04/1960j.

- _____. **Lições de Idealismo.** A Tarde. Salvador. 19/04/1960l.
- _____. **Os Fundamentos Históricos e Econômicos.** A Tarde. Salvador. 13/04/1960m.
- _____. **Os Jornais.** A Tarde. Salvador. 20/04/1960n.
- _____. **Antecedentes da Reforma Agrária.** A Tarde. Salvador. 23/04/1960o.p.5.
- _____. **Dividindo as Terras.** A Tarde. Salvador. 24/04/1960p.p.5.
- _____. **Os Objetivos da Reforma.** A Tarde. Salvador. 26/04/1960q.
- _____. **A Reforma Urbana.** A Tarde. Salvador. 28/04/1960r.
- _____. **Cuba e os EUA.** A Tarde. Salvador. 20/04/1960s.
- _____. **Alguns Problemas do Crescimento da Cidade do Salvador.** Boletim Baiano de Geografia 2(5 e 6), 1961a.
- _____. **O discurso que não fiz.** A Tarde. Salvador. 01/12/1961b.p.5.
- _____. **Liderança Vazia.** A Tarde. Salvador. 19/12/1961c.
- _____. **A Unidade Africana.** A Tarde. Salvador. 08/02/1962d.
- _____. **A Aliança do Cacau.** A Tarde. Salvador. 22/02/1962e.
- _____. **As Portas do Futuro.** A Tarde. Salvador. 24/02/1962f.
- _____. **Cartão Postal.** A Tarde. Salvador. 27/02/1962g.
- _____. **Nossos Irmãos Africanos.** A Tarde. Salvador. 12/03/1962h.
- _____. **Política e Políticos.** A Tarde. Salvador. 26/03/1962i.
- _____. **As Migrações para Salvador Através da Análise do Fichário Eleitoral.** Separata da Revista Brasileira de Estudos Políticos. 15. Belo Horizonte. 1963.p. 127-150.
- _____. **A Propriedade Rural no Vale do Médio Paraguaçu.** Separata dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. v. XIII. São Paulo, 1964. p.165-176.

Outros autores

ABREU, M. de A. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: Evolução e Avaliação. Contribuição à História do Pensamento Geográfico. In: CARLOS, A.F.A. (org.). **Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p.199-322.

ANDRADE, M.C. de. Milton Santos, o Geógrafo Cidadão. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.93-97.

BRANDÃO, M. de A. Em favor do Lugar. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.106-108.

CONCEIÇÃO, A.L. “O Novo não se Inventa, Descobre-se”: Milton Santos e a Geografia Aplicada. In: CARLOS, A .F.A. (org.). **Ensaio de Geografia Contemporânea: Milton Santos: Obra Revisada**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.22-28.

CORRÊA, R.L. Hinterlândia, Hierarquias e Redes: Uma Avaliação da Produção Geográfica Brasileira. In: CARLOS, A.F.A. (org.). **Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p.323-259.

_____. Milton Santos e a Temática da Rede Urbana. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.119-126.

GEORGE, P. Encontros com Milton Santos. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.54-55.

GONÇALVES, N.M.S. Professor Milton Santos, o Mestre, o amigo e Incentivador. Reminiscências. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.85-86.

KAYSER, B. As Raízes Tolosanas de Milton Santos. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.98-101.

MAMIGONIAN, A. A Geografia e a Formação Social como Teoria e Método. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.198-206.

MORAES, A.C.R. **Geografia, Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVA, M.A. da. Milton Santos: o Homem, o seu Tempo, o seu Espaço. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.49-53.

_____. **Milton Santos e a Concepção do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Bahia (1956-1969)**

SILVA, S.B. de M. e. Geografia Aplicada, Planejamento e Desenvolvimento: Raízes em Tributo a Milton Santos. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.155-160.

SILVA, F.S. da e Silva, M.A. da. A Cidade de Salvador na Ótica de Milton Santos. **Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos** (CD-Rom). João Pessoa: AGB/UFPB, 2002.

SOUZA, M.A.A. de. Por Ouvir Dizer e por Querer Saber: Conversando com Milton Santos. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.26-34.

Território e Sociedade: Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

TRICART, J. **A Contribuição do Centro de Geografia Aplicada para a “mise en valeur” do Estado da Bahia**. Boletim Baiano de Geografia. I(3). Salvador: AGB, 1960. p.35-48.

_____. Negro, só Pode ser Africano. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.65-67.

VASCONCELOS, P. de A. A Cidade e a Geografia no Brasil. In: CARLOS, A.F.A. (org.). **Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p.63-78.

_____. Milton Santos e a Cidade: uma Viagem por Cinco Livros. In: SOUZA, M.A.A. (org.). **O Mundo do Cidadão, Um Cidadão do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.109-118.

_____. **Dois Séculos de Pensamento Sobre a Cidade**. Ilhéus: UESC, 1999.